

# Longe, quando a estranheza ameaça tornar-se familiar<sup>1</sup>

Erika Alvarez Inforsato

A possibilidade de “se passar por *normal*” é uma chance muito atraente para quem atravessa toda uma vida sob o estigma do louco, do deficiente, do anormal. Se há discursos que proclamam a inclusão, e arremedam situações de equidade, forjando homogeneizações quase sempre sustentadas pela tolerância e pela caridade, há outros que tentam afirmar esta condição marginal, acreditando nela como um signo de questionamento das formas hegemônicas, buscando alargar o mundo e fazer caber nele outras formas de existir. Por um lado, abandona-se a perspectiva normatizadora, por outro, empreende-se muitas vezes o anormal como estandarte, e ignora-se ou desqualifica-se um aspecto importante, concernente à dor daquele que não pode acessar os códigos vigentes, cujos protocolos, por mais estúpidos e fabricantes desta sua condição, podem ser por ele desejados. (...) “tive apenas a experiência de não ser contemporâneo de nenhuma experiência.”<sup>2</sup> É um impasse para aqueles que se põem na posição de cuidado: o sofrimento precisa ser reconhecido como marca do vivo e possibilidade de travessia, e ao mesmo tempo, precisa anestesiá-lo, imiscuir-se naquilo que foi socialmente instituído e que predomina.

Quando, por duas ocasiões, toda a *cia. teatral Ueimzz*<sup>3</sup> pôde realizar viagens internacionais, esta indeterminação fez-se mais evidente. Ir para a Europa: signo consagrado de reconhecimento social. Estultice. Todavia, elemento suficiente para o embarque numa glamorização deslumbrada, primeiro ponto de defecção a ser enfrentado. “O fim da alienação só começa se o homem aceita sair de si mesmo (de tudo o que o institui como interioridade): sair da religião, da família, do Estado. O chamamento ao exterior — um exterior que não seja nem outro mundo, nem um mundo passado (...)”<sup>4</sup>.

1 Este texto foi produzido inicialmente como parte de minha tese de doutoramento, sob orientação do Prof. Dr. Celso Fernando Favaretto. Inforsato, E. A. *Desobramento – constelações clínicas e políticas do comum*. (tese). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2010.

2 Pessanha, Juliano Garcia. *Instabilidade Perpétua*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 44.

3 A *cia. teatral Ueimzz* existe desde 1997, e é coordenada por uma equipe de terapeutas: Ana Carmen Del Collado, Eduardo Lettiere, Erika Inforsato, Paula Francisquetti e Peter Pál Pelbart. A direção artística do grupo foi conduzida, inicialmente, por Renato Cohen e Sérgio Penna, e, desde o ano de 2007, está sob os cuidados de Cássio Santiago e Elisa Band. Além deste núcleo permanente, muitos outros técnicos e artistas estão ou estiveram ligados ao grupo em função de cada projeto/temporada.

4 Blanchot, M. *Escritos políticos*. Trad. para o espanhol Lucas Bidon-Chanal. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2006, p. 107. [*Écrits politiques*. Paris: Éditions Lignes & Manifestes, 2003.]

Viagens tais, nunca antes à *cia.* foram possíveis. Paradoxais já no convite: companhia teatral brasileira, de atores com histórias em serviços de psiquiatria e de saúde mental, convidada a participar, primeiro, numa cidade da Alemanha, de um evento de arte contemporânea, conhecido como dos maiores da atualidade, a Documenta de Kassel; depois, num festival de teatro, Baltic Circle International Theatre Festival, célebre num território completamente desconhecido, a cidade de Helsinque, na Finlândia.

As distâncias, numa viagem, favorecem sensações de medo e de euforia, às vezes simultaneamente; com isso, a preparação exige manejos de ansiedades e fantasias, que tocam em regiões de realização — algumas mais estereotipadas, outras mais vitais —, e de aniquilamento. Com muita devoção, o deslocamento de uma quantidade de gentes, separadas de seus ninhos enclausuradores, ou de seus abandonos habituais, é uma empreitada de alto risco para o pequeno grupo de terapeutas que, na assimetria deste coletivo, tem o compromisso de cuidar para que a experiência possa vingar. Cuidar, nesta ambiência, inclui ações concretas e convivências fantasmáticas: ninguém pode morrer, ninguém pode sumir sem sinalizar, ninguém pode se matar, ninguém pode ser preso, ninguém pode ferir nem ferir-se, ninguém pode perder-se, ninguém pode ser esquecido... e, entretanto, tudo isto já aconteceu, diretamente, e nos arredores do grupo. E aquilo que seriam signos de desestabilização mortífera para o conjunto é fagocitado, numa espécie de assimilação esquizóide, que engole pra fora. Sob o desejo de parecer normal, viajantes civilizados, preparados e adequados, são sempre estranhos, uns aos outros, inclusive, e assim seguem nestas viagens, sob direções transitórias, no mais, errantes. Para que mundos nos deram passagens?

**Ent–Stopfung**<sup>5</sup>. Abria-se uma cartolina segurada nas pontas por uma das atrizes e, minutos afora, em silêncio, ela vai sendo filmada. A suspensão do tempo e do espaço aos poucos dispara incômodos nos que estão em volta: risos, impaciência, desistência. Cada um encontra seu encosto, levanta-se, anda por perto e varia os apoios. O tempo passa sem parecer passar.

Dos ateliês em vídeo que vínhamos realizando há dois anos, sob a coordenação de Alejandra Riera, com o dispositivo *Enquete sobre o/nosso entorno*<sup>6</sup>, desdobrou-se o convite, motivo de grande entusiasmo da *cia.*, para apresentá-lo nesta mostra de arte contemporânea alemã, que reúne processos de

5 **UNTERSUCHUNG ÜBER DAS/UNSER AUßEN (Ent–Stopfung)** – “Enquete sobre o/nosso entorno (Desobstrução)”, título usado no cartaz que abria cada uma das filmagens feitas em Kassel, na Alemanha, em julho de 2007.

6 Experiência que “ativou com os atores da companhia um dispositivo de enquete e registro muito preciso, embora aberto. Consistia de uma saída coletiva por dia, para algum ponto da cidade sugerido pelos atores, onde cada um abordava alguém de sua escolha, pedestre, vendedor, estudante, policial, anônimo, morador de rua, e lhe lançava à queima roupa as perguntas que lhe viessem à mente. Numa situação insólita, na qual o entrevistado ignorava tudo do entrevistador, mas por vezes percebia uma estranheza, as regras de uma entrevista jornalística eram reviradas, e tudo começava a girar em falso.” (Cia. Teatral Ueinzz. *Ocupação Ueinzz.* (encarte do evento). São Paulo: SESC – Avenida Paulista, 2009.)

artistas de todo o mundo. Considerando a visibilidade e globalização de seus efeitos, a mostra tem proporções econômicas, culturais e sociais vultosas, isto anunciava tanto uma estrutura material garantida para a viagem, quanto uma espécie de trituração das sensibilidades. E a decisão de aceitar o convite foi atrelada a uma proposta de reativação do dispositivo, em continuidade ao processo realizado em São Paulo. Ponto problemático: como chamar de o/nosso entorno, o estrangeiro? Qual a capacidade de não ser turista num terreno desconhecido em que não se sabe o ônibus a ser tomado, os modos de demandar as coisas cotidianas, a direção das ruas, o que comer, a temperatura, como vestir-se?

Conforme a *cia.* passava pelos eventos, programados ou desprogramados, pessoas juntavam-se por todo ou por parte do percurso: monitores e simpatizantes da Documenta, visitantes, conhecidos, desconhecidos, ilustres e perdidos. As travessias eram convites e rechaços: alguns se atraíam fortemente com a passagem do grupo, outros se esquivavam, esforçando-se pela indiferença. Predominava uma espécie de anestesia, blindagem que transparecia nos passantes — turistas ou prováveis moradores daquela cidade que se transforma, a cada cinco anos, desde 1958, numa espécie de *disneyland* da arte contemporânea, na qual a estrangeiridade refere-se prioritariamente à exposição-espetáculo, cuja ultrapassagem é datada e resguarda o retorno à *normalidade* de suas rotinas.

Os trânsitos da *cia.* pela cidade de Kassel, de início, podem convocar imagens de um bloco homogêneo de loucos em marcha pelas ruas e lugares designados por alguma instância soberana, entretanto, ele constituiu-se numa série de movimentos e deslocamentos singulares e sutis: um vai-e-vem de corpos e rostos estranhos, rondas sem propósitos, um conjunto pequeno que se adensava subitamente e imediatamente se desfazia, falas desconexas e intensas, sensações de esquecimento: de alguém, de alguma coisa, de algum lugar. E barulhos — pequenos tumultos, gritos eventuais, choros, brigas na esquina; comidas sendo devoradas, corpos em torção. Elementos de uma presença estranhamente comum.

Adentrar uma cidade estrangeira com este dispositivo fez o conjunto vagar por muitos lugares, e a sensação que retornava era a de que nada aconteceria. Uma comuna, o centro comercial da cidade, uma fábrica de automóveis, um antigo prédio utilizado pela Gestapo. E todos estavam exaustos, esgotados de tudo e de nada. Cada decisão era tomada depois de muitas fricções, atritos com todo o entorno daquela experiência. E as saídas eram hesitantes, idas e voltas: aonde ir primeiro? Quem quer ir ao segundo lugar, mas não ao primeiro? Quem não sabe se irá para algum? Quem aparece sem saber se vai? Quem vai sem saber se foi nem para onde? São relatos imateriais, sobre matérias que não têm palavras para serem ditas. As vivências pareciam fazer-se concretas, mas as palavras, ao não alcançá-las, colocam em questão sua existência. E esta impossibilidade de comunicar estes acontecimentos, ou seja, esta experiên-

cia que não pode ser enunciada, que não tem como ser dita e, portanto, está sob o risco de não existir, é consonante com sua própria efemeridade, aquilo que a impede de se instituir, ou ainda, impede sua institucionalização. Está fora da língua.

A língua, enquanto instrumento para a construção do discurso do poder, ditado das palavras de ordem que enunciam o que deve ser feito; esta língua foi um elemento de desterritorialização da viagem. Os primeiros deslocamentos dos amontoados da *cia*. com aquele que foi designado para ser seu “tradutor” prenunciavam o desentendimento: cada fala era imediatamente adequada às circunstâncias, conforme a avaliação e previsão do tradutor, o que resultava ora em indiferença ao que se dizia, ora em arranjos estranhos e inconvenientes, ora em censuras explícitas. Silenciosamente, alguma coisa emudecia em nós. Com o passar dos dias, esta tradução despótica foi sendo afastada, e inventaram-se novos dispositivos que funcionavam como espécies de transposições, tal qual a brincadeira do telefone sem fio: alguém que sabia alemão e francês traduzia para alguém que soubesse francês e espanhol, que traduzia para alguém que soubesse espanhol e português, que traduzia para todo mundo; alguém que soubesse alemão e inglês traduzia para alguém que soubesse inglês e português de Portugal, que traduzia para todo mundo, que adaptava ao português do Brasil. Paradoxalmente, esta caótica deixava a todos mais desejanças, a palavra parecia circular as sensações imprescindíveis e, muito provavelmente, indizíveis, daquela experiência estrangeira. Ainda assim, outros movimentos ocorriam: alguém que não soubesse alemão falava em português e em portunhol e em inglês, assim, como que soltando todas as palavras estrangeiras, ou supostamente estrangeiras de que dispunha, conseguia permanecer em algo próximo de uma conversa com qualquer dos estrangeiros. Elementos que parecem colaterais a uma eventual função que a viagem deveria ter, e explicitam as constelações atravessadas que constituíram a matéria enunciativa de uma cidade inventada: a língua enrolada, a tradução ziguezagueante e, contudo, esta comunidade temporária e fluante, circulando por aquela cidade dura, exerceu sobre ela uma atração. Comunicação por contágio.

Sobrepõem-se aqui questões sobre qual fala e qual língua comunica e efetua encontros: o desajuste dos atores ou o supra-ajuste do tradutor? Qual interpretação valida uma situação? Interdições recíprocas não constelam uma experiência comum, uma vez que cada um insiste em colocar o outro no lugar do mesmo. Aquele que quer falar em nome do outro, que se arroga o direito de consertar a sua voz, solícito em ajudá-lo, é também solícito em cerceá-lo. Qual é a melhor tradução: a de quem conhece bem a pragmática da língua; a de quem conhece bem o gênero do discurso; a de quem se afeta com a presença do gaguejante? E com isto, o que aconteceu?

Nada. Entre o muito importante e o irrelevante, antes de poder discriminar-se, o sentido suspendeu-se, e saltou para outras viagens, descontínuas e delas decorrentes.

Entre tantas línguas e tanta mudez, alguém sumiu. Por horas, madrugada adentro, foram revolvidas, sem êxito, todas as possibilidades para encontrá-lo. Passado um tempo, ele ressurgiu abatido por uma incursão frustrada em seus anseios de vertigem e transgressão. Triunfante, sem o saber, na exploração para nada de uma superfície, cuja dificuldade de encontrar suas razões advinha do fato de que não as havia: a viagem não tinha uma utilidade e isso era inquietantemente bom.

Em meio a alguns frágeis acontecimentos, cujos gestos lutavam por renunciar a prescrições ideais, constituíam-se pontos vivos em ajuntamento — sem ordenações prévias, sem necessidades a serem satisfeitas, liberando as decisões da vida de restringirem-se a um *eu* prometedor de inteirezas, prescrevendo compromissos que não precisam ser cumpridos, e que, no entanto, o são.

**Finn.** Para os finlandeses, a peça “Finneganns Ueinzz” rendeu muitos aplausos. Kiiitös. Daquela estranha língua, era a única palavra que se conseguia pronunciar. Palavra de agradecimento.

Aprensiva, a trupe prosseguiu: com pouco dinheiro, noção precária sobre como agasalhar-se, como comunicar-se, como locomover-se num outro país, que de tão estrangeiro podia facilmente confundir-se com outro planeta.

Desde o começo, a *cia. teatral Ueinzz* acentua-se pela prática do teatro — seu mote principal —, entretanto, uma linha parece ter sido ultrapassada durante sua participação no Baltic Circle International Theatre Festival. Menos que viajantes, os integrantes da *cia.* ali foram atores. O ofício teatral assumiu o centro da cena. Em terras longínquas, a matéria mais substancial do grupo foi ovacionada, signo de reconhecimento das apresentações, da pesquisa e da singularidade artística do projeto. Num jornal de Helsinque, a chamada “O grupo brasileiro nos lembra de como é importante acreditar no mundo”, indiciava uma legitimação imprevista:

*Finnegans Ueinzz* é uma performance na qual a plateia se entrega. Quando você vai embora, você se sente faminto, e pronto para sonhar. No início, a expressão facial dos atores está virada por dentro, como se seus pensamentos estivessem parcialmente naufragos, travados, presos. Contudo, sua presença não está afinada de um modo aflitivo ou angustiado, mas com uma ternura notável e de um modo digno. Essa impressão faz você ficar mais atento: você vê expressões que não querem expressar algo pré-determinado, vê rostos que não querem ser vistos de modo usual, que não querem falar em uma linguagem pré-fabricada. [...] *Finnegans Ueinzz* traz para o palco cenas, sequências, visões, canções, suspiros e sonhos e toca o público finlandês como a uma harpa. Ela molda um rizoma de estilos teatrais, um organismo vivo em constante mudança, mas ensaiado, onírico, mas em vigília. O grupo escava uma arqueologia da mente e da linguagem

ao combinar com sua própria lógica o singular, cenas borbulhantes e não–conectáveis a citações de textos clássicos. De repente você está nadando nas profundezas do oceano onde um homem mergulha com uma sacola de papel em sua cabeça, tão rápido como você então começa a falar em uma língua disparatada, e então está pedindo sua última refeição antes de morrer, e então tentando impressionar de modo comicamente frenético. [...] O espaço muda de acordo com as posições e ângulos que as pessoas estabelecem umas com as outras, o mundo é criado nessas relações, e nessas relações morre. [...] A *performance* não deslumbra, mas foca de um modo indistinto a medida em que ao público é permitido construir suas próprias histórias, para iluminar seus próprios pontos de vista. A cena mais impressionante é a final, que amarra todos os fios soltos. Uma senhora, de face pétrea, conta que foi proibida de falar. Ela falou e foi punida. Mesmo assim ela falou. *A única dimensão social* a ser seriamente considerada culmina na seguinte questão para o teatro atual: Quem pode repensar o palco, quem pode também fazer com que esse palco seja da plateia? *A performance da cia Teatral Ueinz talvez não seja a única resposta, mas certamente é uma de suas sementes mais significativas.* Em *Finnegans Ueinz* o mundo não dorme em um tempo passado.<sup>7</sup>

A exterioridade desta audiência parecia favorecer aos atores professarem seu ofício. Nem mãe, nem tia, nem primo, nem vó, sequer compatriotas. Os finlandeses eram os espectadores extrafamiliares que desterritorializavam completamente as expectativas e instalavam o grupo num outro terreno, região disforme que se engendrava no próprio deslocamento. Aquilo que motiva o estar–junto da *cia.*, e que reúne suas potências e possibilidades, foi surpreendentemente admirado, efetuando uma validação inesperada, embora pertinente à atmosfera dos esforços há muito empenhados. Distante da ambiência doméstica, as apresentações foram profissionais e, estabeleceram uma conexão inesperada com um público numa língua com signos e origens radicalmente estrangeiros aos da trupe. Isto se deveu também às invenções da direção artística da *cia.*, que utilizou recursos de tradução (legendas e tradução simultânea) sintonizados com a temática do projeto “*Finneganns Ueinz*”: interferências sacadas de James Joyce, cenas relacionadas à invenção de línguas, traduções que não se traduzem, traduções da língua pela própria língua, o que forjou uma espécie de comunicação do incomunicável.

No circuito dos fazeres teatrais, mais ou menos ajustadas, as relações foram se realizando numa faixa de contentamento; contrastante a ela, uma outra faixa se impunha: a do aporte cotidiano. No vento gelado, despidos os figurinos, o

7 Sako, M. Instantâneo: Em *Finnegans ueinz* o mundo não é categorizado, mas criado. Trad. para o inglês Akseli Virtanen; trad. para o português Elisa Band – rev. John Laudenberger. *Jornal Helsingin Sanomat*, Helsinque–Finlândia, 22 nov. 2009.

dia-a-dia da viagem da companhia recebeu um suporte técnico restrito às condições previstas por ambas as partes, pautadas em conhecimentos apenas presumidos. De fato, nos contatos travados através de redes virtuais e de telefonia, nenhum sabia efetivamente do outro, a ponto de poder melhor supor expectativas e necessidades. Reciprocamente, era uma aposta baseada na imaginação. Tal é o descabimento de uma *cia. teatral Ueinzz*: qualquer, atípica, singular, na relação com um país como a Finlândia: reto, limpo, certo, funcional. Nessa bem sucedida sociedade tecnológica, para que haja encontro, o tédio da eficiência precisou ser deslocado, e para isto contou-se com a ajuda da loucura, rumo a um lugar ainda inexistente, e que não se sabe se vai existir.

As condições de estadia e de deslocamento ficaram, assim, absolutamente aquém do imprescindível. Aos integrantes — alguns mais debilitados pela idade, outros por comprometimentos neurológicos, ou ainda pelo uso de muitos medicamentos, ou por desorganizações espaço-temporais —, os recursos disponibilizados não correspondiam a suas necessidades: o alojamento era distante, não havia comida próxima, os deslocamentos eram em sua grande maioria a pé ou em transporte público, com muitas baldeações, e a agenda de compromissos era extensa. A equipe de coordenadores teve, com isso, dificuldade em oferecer ao grupo as condições para enfrentar as adversidades e, em várias situações protegê-lo minimamente da desagregação — sempre iminente, dada a coexistência essencial de vitalidade e mortalidade que determina a frágil linha em que o grupo se mantém.

Brigas, ferimentos, ameaças, pequenos sumiços, demandas autoritárias e desobediências arriscadas impediram revezamentos e pausas, que em outras logísticas foram mais possíveis. Fora dos palcos, toda essa viagem foi bastante tumultuada — um tanto mais que as outras — com pequenas tragédias que ora pareciam tudo quebrar, com certa violência, sem chance de restauração; e ora eram motivo de risos, regozijo e alívio por vislumbrar a movência de coisas aparentemente imutáveis, por meios insuspeitados. Esta foi sua força.

**Distâncias.** A experiência de passar vários dias juntos, em viagens, considerando a singularidade do grupo, não é nada simples. A proximidade borrada, que às vezes resvala numa conjugalidade domesticada e domesticadora, é parte do risco de dizimação deste coletivo, enunciado de diferentes formas por cada um, no mesmo momento em que emergem suas potências. “Parecia que cada um ocupava o lugar do outro: eu ocupava o lugar dela, ela ocupava o lugar dele, ele ocupava o meu lugar... cada um ocupou um pouco o lugar do outro.” — foi o comentário de um dos atores. — “Lá, ficou mais clara a diferença de cada um.” Ao invés de uma utopia fusional, o que sobrevém é uma capacidade de estar só, solidão daqueles que “não revelam apenas a recusa de uma sociabilidade envenenada, porém são o chamamento para um tipo de solidariedade nova, o apelo por uma comunidade por vir”<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Pellbart, P.P. Como viver só. In: Langnado, L.; Pedrosa, A.; Freire, C. et al (orgs). *27ª Bienal de São Paulo — Seminários*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2008, p. 268.

Uma viagem em comunidade, excursão grupal, delírio coletivo, qualquer que seja a designação que se atribua, desafia a possibilidade de colocar-se ao lado e encontrar a melhor distância — que não sufoque, não tome o lugar do outro, não empreite seus trânsitos. Terminadas estas viagens, a logística — precária ou não, e o esforço de sustentação e reparação permanecem imperceptíveis, senão dissolvidos na experiência comum. A continuidade do grupo que não se pode, mas se quer garantir, fica inundada por sensações e compreensões díspares. A separação iminente coloca a todos num estado de suspensão, que aos poucos cai no esquecimento, diante da resiliente e impositiva capacidade de retomada do tempo ordinário. Para muitos, este retorno dirige-se a zonas esvaziadas, núcleos domésticos de esterilidade — seja por desamparo ou sufocamento —, que disparam sensações de aniquilamento e dispersão sofríveis. A outros, portadores imediatos da identidade *eu*, retomar a vida diária significa reconhecer que, uma vez fora daquela constelação, a formatação de distinção individual e privada rapidamente reflui, e com ela uma espécie de cansaço de si.

Estes distanciamentos indiciam uma clínica na qual o pacto, sempre por cumprir-se, exige dos que ocupam a posição de terapeutas suportar duas condições inevitáveis: uma, é a de *normais* — figuração identitária num cenário de instabilidade, espécie de *carapuça* que obriga a representar, não sem indagar, a ordem e os parâmetros da vida pública; outra, simultânea e de algum modo decorrente e contradicente da primeira, a de *aliados do desvio*, responsáveis por zelar pelas fendas, para que subsistam os abrigos e as ousadias e insubordinações. Através de uma “atenção impessoal, no sentido de que não é atenção de ninguém, mas a própria espera do que está em jogo”<sup>9</sup>, o cuidado prevalente é o de manter-se vinculado ao estrangeiro. Silêncios, uma mão forte que por vezes contém, uma escuta que flutua, um corpo ao lado simplesmente presente, gritos, um olhar ligeiro, uma conversa longa, uma ausência ressonante, um passeio, uma comida partilhada, uma bronca, uma gargalhada... são estratégias errantes, tateamentos para oferecer esta atenção que não agarra, que não convence. Essa parceria, inicialmente estereotipada na imagem do terapeuta-normal ao lado do paciente-louco, pode devolver ao mundo, e aos desse mundo, algo de sua comum exterioridade — aquilo que se subtrai completamente quando nele impera a pasmeira tamponadora da normalidade e da adequação —, “a intimidade não familiar do pensamento”<sup>10</sup>, a proximidade dessubjetivada e capaz de regular distâncias que permitam viajar para longe e, sem muita dor, preservar-se, em conjunto, estranhos no desconhecido.

**Ponto quase-final.** *No embarque para o retorno ao Brasil, o desajuste e a denúncia ainda uma vez atritavam-se. A tarefa de atravessar as máquinas detec-*

9 Blanchot, M. *A conversa infinita 2 – a experiência limite*. Trad. João Moura Jr. São Paulo: Ed. Escuta, 2007, p. 198. [*L'entretien infini*. Éditions Gallimard, Paris, 1986.]

10 Idem.



*toras impunha-se novamente. O que se estaria escondendo? Todos os que passam são terroristas em potencial. Do grupo, algumas pessoas foram obrigadas a acompanhar os vigias para assistir a abertura de suas bolsas e ver revolvidos os seus pertences. Moça espevitada, esta veio para a viagem disposta a pôr em xeque as legislações. E assim o fez, insuportando qualquer enquadramento: invadiu a cabine do avião, recusava-se a tomar seus remédios, espiava os garotos que faziam xixi na rua, adiantava-se em relação ao grupo ou obrigava todos a esperá-la — seu descompasso era impositivo. Naquele momento da revista aeroportuária, ela tentou negociar: jogou os palitos de fósforo no lixo e disse que queria apenas a caixinha, como souvenir. A guarda foi irredutível: —“É proibido.” Vasculhou toda a bolsa da moça, e retirou-se, com seu afeto glacial, levando a caixa e mais alguns frascos com líquidos. Ao recolher seus objetos espalhados na mesinha, a moça estava furiosa, e não teve dúvida: furtivamente recolheu, junto a seus pertences, uma das luvas da guarda-controladora-de-fronteira esquecida na mesa: souvenir! A guarda estava ao lado, distraída em sua suposta soberania. A moça saiu, batendo os pés corredor afora, carregada do objeto da transgressão, descarregada do objeto eleito do seu afeto. Ninguém a interditou. Atrás dela (depois de tê-la acompanhado e protegido de eventuais riscos de maior violência), assistir a tal cena levava-me a sorrir, satisfazia contemplar aquela perversão boba que demarcava a estúpida perversão daqueles regramentos ineficientes, descabidos e incompetentes. Alguma estranheza mantinha-se no mundo, algo girava em falso, a partir daquela situação em que, entre o controle e a subversão, nada triunfava.*

\* Erika Alvarez Inforsato é terapeuta ocupacional, com mestrado no Núcleo de Estudos da Subjetividade e doutorado pela USP. Faz parte do Laboratório de estudos e pesquisa arte, corpo e terapia ocupacional da FMUSP. É da equipe de coordenação da Cia Teatral Ueinxz. E-mail: [erikainforsato@usp.br](mailto:erikainforsato@usp.br).